



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE**

**NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DESIGN**

DANIEL VICENTE DA PAZ

**DEIXA A GENTE TRABALHAR: *Folder* auxiliar sobre respeito e dignidade às
identidades transgêneras no mercado de trabalho**

**CARUARU
2022**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE**

**NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DESIGN**

DESIGN GRÁFICO

**DEIXA A GENTE TRABALHAR: *Folder* auxiliar sobre respeito e dignidade às
identidades transgêneras no mercado de trabalho**

DANIEL VICENTE DA PAZ¹

CARUARU

2022

¹ Graduando em Design pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: daniel.vpaz@ufpe.br

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Paz, Daniel Vicente da.

Deixa a gente trabalhar: Folder auxiliar sobre respeito e dignidade às
identidades transgêneras no mercado de trabalho / Daniel Vicente da Paz. -
Caruaru, 2022.

48 : il.

Orientador(a): Rosangela Vieira de Souza
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Design, 2022.

Inclui referências, apêndices.

1. Design Gráfico. 2. LGBTQIAP+. 3. Empregabilidade. 4. Identidade de
Gênero. 5. Transgênero. I. Souza, Rosangela Vieira de. (Orientação). II. Título.

760 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar dedico a minha mãe, Lúcia Helena da Silva Paz, professora e Mestre em Educação, que me ensinou e me mostrou a importância que a educação tem de mover o mundo, sempre me apoiou em cada passo que dei e ainda darei em minha trilha acadêmica e pessoal. Ao meu pai, Jorge Vicente da Paz, Artista espetacular que sempre estimulou a arte e os processos criativos através de seu grande talento como artesão, sendo também meu professor na sala de aula da vida. Ao meu irmão, Jorge Vicente da Paz Filho, que durante minha jornada acadêmica esteve sempre disposto a me ajudar.

Agradeço a todos meus amigos, em especial dedico este espaço para agradecer a Genyff de Farias, Gleyce Kelly, Rayanna Soares e Thais Alves, são pessoas que estenderam a mão e me mostraram a força e capacidade que eu tenho para seguir meus planos, mesmo que muitas vezes eu pensasse em desistir.

Gostaria de agradecer imensamente à minha orientadora Prof^a Dra^a. Rosangela Vieira por todo o tempo dedicado em me auxiliar na construção dessa etapa tão crucial para meu desenvolvimento acadêmico.

Agradeço por fim, a Universidade Federal de Pernambuco por me proporcionar momentos incríveis e uma educação de excelência que ampliou meus horizontes em todos os âmbitos da minha vida. Estou grato por cada um de vocês que fazem parte da minha vida e me ajudaram a concluir esta etapa de imensa importância.

RESUMO

A constante busca de empregos para pessoas LGBTQIAP+ continua sendo um problema quando se refere a geração de oportunidades e as condutas do bem-estar humano dentro das empresas. Quando se analisa mais de perto, se percebe que a população transgênera é a que mais vem sofrendo durante todos os momentos de sua vida com preconceitos enraizados tanto em seu cotidiano, quanto nos espaços de convívio social dentro do ambiente de trabalho. Visando colaborar com processos de desconstrução da transfobia nos espaços laborais, foi analisado como as multifaces do design gráfico podem auxiliar a transmissão conhecimentos e gerar aprendizado sobre o tema elencado, tornando um espaço trabalhista menos prejudicial para pessoas transgêneras, melhorando o convívio de dentro para fora da empresa. Para desenvolver um projeto gráfico de auxílio na transmissão das informações para o público, foi pensado em um *folder* que trouxesse uma comunicação simples porém de cunho importante, seguindo uma série de requisitos construídos a partir da metodologia de design de Munari (1998). O referido trabalho resulta em uma sequência de informações que auxiliarão pessoas cisgêneras a entenderem que há uma preocupação das empresas em adotar práticas amigáveis da diversidade na busca de um ambiente menos hostil e mais respeitoso.

Palavras-chave: LGBTQIAP+; transgênero; empregabilidade; identidade de gênero; Design gráfico.

ABSTRACT

The constant Search for Jobs to LGBTQIAP+ people continues to be a problem when we talk about generation of opportunities and the conduct of human well-being within companies. Analyzing it closely, you can see that the transgender population is the one that has been suffering the most during all moments of their life with prejudices rooted both in their daily lives as in the spaces of social interaction within the work places. Aiming to collaborate with processes of deconstruction of transfobia in work spaces, it was analyzed how the multifaced graphic design can help to transmit knowledge and generate learning about this subject, turning the work space less harmful for transgender people from inside to outside of the company. To Realize this graphic Project and transmit information to the public, a folder was designed bringing basic, but importante communication, following a series of requirements built from Munari's (1998) design methodology. This work results in a sequence of information that will help cisgender people to understand the concern of companies who adopt diversity-friendly practices to turn the job less hostile and more respectful environment.

Keywords: LGBTQIAP+; transgender; employability; gender identity; Graphic Design.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Retrato de Luís XIV	16
Figura 2 –	Infográfico de sexo, gênero, orientação sexual e identidade de gênero	20
Figura 3 –	LGBTfobia- chega de preconceito e violência!	22
Figura 4 –	A travesti e o educador: Respeito também se aprende na escola	23
Figura 5 –	orientações para atendimento de pessoas trans e travestis no conjunto CFESS-CRESS	23
Figura 6 –	Páginas Trans	24
Figura 7 –	Promoção dos direitos humanos de pessoas LGBT no mundo do trabalho	24
Figura 8 –	Colagem das bandeiras trans e do movimento LGBTQIAP+	27
Figura 9 –	Cores analisadas pelo <i>Adobe Colors</i>	27
Figura 10 –	Contraste avaliado pelo <i>Adobe Colors</i>	28
Figura 11 –	Painel semântico para <i>lettering</i>	28
Figura 12 –	Painel semântico para dobraduras	29
Figura 13 –	Rascunhos de possíveis ilustrações para a capa	30
Figura 14 –	Rascunho da ilustração do informativo	31
Figura 15 –	Possíveis dobraduras	31
Figura 16 –	Comparativo do tamanho da dobradura	33
Figura 17 –	Comparativo do tamanho dos testes A2 e A4	33
Figura 18 –	Perda de área da folha	34
Figura 19 –	Solução para a área perdida	34
Figura 20 –	Medidas do <i>folder</i>	35
Figura 21 –	Medidas dos elementos do <i>papertoy</i>	36
Figura 22 –	Altura de largura do poster	37
Figura 23 –	Altura e largura da ilustração sexo, gênero e identidade	37
Figura 24 –	<i>Papertoy</i>	38
Figura 25 –	Frente em visão aberta do <i>folder</i>	39
Figura 26 –	Verso em visão aberta do <i>folder</i>	40

Figura 27 – <i>Folder</i> em suas dobras	40
Figura 28 – Manual do <i>folder</i>	41
	41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	METODOLOGIA DO PROJETO DE DESIGN.....	13
3	DESENVOLVIMENTO PROJETUAL.....	15
3.1	Problema.....	15
3.2	Definição do Problema.....	15
3.3	Componentes do problema.....	15
3.4	Coleta de dados	15
3.4.1	<i>Sexo e Gênero.....</i>	<i>16</i>
3.4.2	<i>O gênero performativo e o papel na sociedade.....</i>	<i>16</i>
3.4.3	<i>Expressão de gênero.....</i>	<i>17</i>
3.4.4	<i>Orientação Sexual.....</i>	<i>18</i>
3.4.5	<i>Identidade de Gênero.....</i>	<i>19</i>
3.4.6	<i>Preconceito e marginalização de pessoas transgêneras no mercado de trabalho.....</i>	<i>20</i>
3.5	Análise de Similares.....	22
3.6	Análise de Dados.....	25
3.7	Criatividade.....	25
3.7.1	<i>Folder.....</i>	<i>26</i>
3.7.2	<i>Produção Textual.....</i>	<i>26</i>
3.7.3	<i>Cores.....</i>	<i>26</i>
3.7.4	<i>Lettering.....</i>	<i>28</i>
3.7.5	<i>Dobraduras.....</i>	<i>29</i>
3.7.6	<i>Rascunhos.....</i>	<i>30</i>
3.8	Materiais e Tecnologias.....	32
3.9	Experimentação.....	32
3.10	Modelo.....	32
3.11	Verificação.....	34
3.12	Desenho de construção.....	35
3.13	Solução.....	42
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	43

5	REFERÊNCIAS.....	44
----------	-------------------------	-----------

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do projeto tem como intuito promover uma discussão importante sobre uma ótica social do comportamento humano dentro do mercado de trabalho envolvendo pessoas LGBTQIAP+², com o foco principal em pessoas transgêneras.

Como aponta Martinelli et all (2018), há a compreensão de que existem problemáticas transfóbicas no meio social e econômico, que expulsam pessoas transgêneras da vivência empregatícia plena e estruturada.

Buscando em alguns setores como familiar, saúde, educacional e laboral, se observa a demasiada desestrutura para essas pessoas, assim, contribuindo para a vulnerabilidade através dos processos de transfobia.

Mesmo havendo dados que apontam a trajetória de marginalização desses corpos, é preciso deixar claro que estas informações foram retiradas de organizações não governamentais, logo, os dados existem, mas não são de interesse do governo de gerá-los, o que dificulta mais ainda a busca de novos dados e de soluções para a construção da equidade social diante a transfobia no Brasil.

Bento (2011), analisa a falta de recursos e dignidade de pessoas transgêneras como um problema principalmente não abordado pelo estado. Por uma visão antiquada e “higienizadora” ao que se refere de pessoas transgêneras (principalmente às mulheres trans e travestis), os órgãos governamentais se preocupam mais com campanhas de uso de preservativos, do que com o assassinato ou formalidade trabalhista. Não que seja menos importante abordar a saúde sexual desta população, mas que acaba sendo uma preocupação estereotipada enquanto não geram dados suficientes para entender as discriminações e mortes em torno desses corpos.

A partir dos parâmetros de formalidade cis-heteronormativas do gênero regentes da sociedade, se colocam pessoas transgêneras em exclusão dos meios sociais, desta maneira elas são vistas como erros dentro destes espaços.

Muitas sentem a necessidade da busca pela passabilidade cisgênera, que abordam o padrão binário para poder ter o mínimo de aceitação nesses locais pela ação higienizadora desses corpos que acabam passando despercebido pelos olhos da normatividade como uma pessoa trans³, enfocando aqui no meio laboral.

[...] essa mesma população que rompe com normas hegemônicas, muitas vezes também busca se enquadrar dentro da caixa heteronormativa, quando, por exemplo, a passabilidade se coloca como objetivo primordial e o emprego formal (ainda que em condições precárias) é visto como a única forma de se colocar dignamente no convívio social. (BONOTTO,2020, p. 12)

Salientado que em todos os espaços existe a possibilidade de pessoas transgêneras sofrerem transfobia, alguns exemplos são na saúde, em que vários planos não costumam cobrir tratamentos hormonais ou cirurgias que ajudem a amenizar a disforia de gênero e que muitas vezes acabam levando as mesmas a procurarem procedimentos inapropriados que causam danos à saúde. Até mesmo no ambiente familiar há a expulsão dessas pessoas, quando muitas vezes ocorre o assassinato delas dentro da própria família, como aponta Bento (2011).

² Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, *Queer*, Intersexo, Assexuais, Pansexuais e + representando todas as outras identidades existentes

³A palavra trans aparecerá no decorrer deste memorial como uma sigla abreviada de transgênero

Todos esses problemas são vetores da marginalização desses corpos que quando não invisibilizam o seu pertencimento na sociedade, buscam desumanizar os mesmos por meio de agressões físicas (espancamento, mutilação, assassinato etc.) e psicológicas (tortura, perseguição política, religiosa etc.) de forma cotidiana, deixando mais distantes ainda do que seria o ideal de parâmetros básicos que cidadãos brasileiros tem direito a possuir, sendo assim mais um processo excludente dentro dos diversos ambientes que por direito constitucional, deveria ser ocupado por todos, todas e todes⁴.

Não é diferente quando se fala de mercado de trabalho formal para a população trans, o preconceito se demonstra plural e em vários setores, quanto maior o contato com um público, mais expostos à transfobia estão pelos seus colegas de trabalhos, clientes ou até pela própria empresa que demonstra o despreparo para com seus funcionários transgêneros, isso quando realmente há alguma oportunidade de se trabalhar com carteira assinada. Um levantamento feito através de uma pesquisa no site Vagas.com (2018), citado pelo site diário do comércio aponta que 60% do RH de empresas pesquisadas não possuíam nenhum tipo de programa para a diversidade.

Como meio de transmitir informação dentro de empresas, com pautas importantes sobre diversidade de gênero, a proposta de um *folder* buscará produzir o interesse de mudança em suas políticas sobre apoio à diversidade. O *folder*, através da diagramação de informações de leitura rápida e objetiva trará para os funcionários e a empresa o discernimento de que quanto maior o respeito à diversidade, melhor a produtividade da empresa.

Em consonância a este pensamento,

As empresas da América Latina que adotam a diversidade tendem a superar outras empresas em práticas-chave de negócios como inovação e colaboração, e seus líderes são melhores em promover a confiança e o trabalho em equipe. Elas também costumam ter ambientes de trabalho mais felizes e uma melhor retenção de talentos. Tudo isso se traduz tanto em uma saúde organizacional mais sólida quanto em resultados: empresas que adotam a diversidade têm uma probabilidade significativamente maior de alcançar uma performance financeira superior à de seus pares que não o fazem. (MCKINSEY & COMPANY , 2020)

O intuito é que, com o *folder*, empresas entendam a importância de inserir pessoas trans em seu grupo de colaboradores, identificando os lados positivos que o profissional tem a oferecer para a empresa, independentemente de qualquer outro fator que não seja a eficácia da mesma na realização de seu trabalho, assim como melhor atender os diversos clientes.

Também se busca causar menos constrangimentos entre clientes, empregados e empresas. Se por um lado não há preocupação da empresa em discutir pautas sociais importantes dentro de seus setores, poderá também ocorrer eventos de transfobia pelo despreparo em lidar com Seres Humanos diversos e quando isso ocorre, é o nome da empresa que estará em jogo.

A falta de posicionamento destas, consiste na verdade no pronunciamento inerte que os coloca em posição de neutralidade perante pautas sociais ou de ações que podem causar questionamentos dos consumidores perante a marca (DOMINGUES E MIRANDA, 2018). Desta maneira, entende-se que quando uma

⁴ Referente à pessoas que trans não-binárias que sentem-se confortáveis sendo chamadas desta maneira.

empresa não se permite discutir posicionamentos que geram a igualdade, pessoas podem deixar de consumir seus produtos (inserindo produtos em contexto geral) pela falta de afinidade ou por algum desconforto advindo do preconceito.

Dito isto, o objetivo geral deste projeto é desenvolver um *folder* para empresas com informações objetivas e claras sobre a importância de lidar com a diversidade e identidade de gênero dentro do local laboral, para gerar menos desconfortos e evasão de funcionários e clientes LGBTQIAP+, principalmente de pessoas transgêneras. Para poder construir isto, serão abordados estes objetivos específicos:

- Entender sobre identidade de gênero e sexualidade
- Pesquisar os processos que afastam pessoas trans da escolaridade e empregabilidade
- Compreender o mercado de trabalho formal para pessoas transgêneras
- Desenvolver *layout* com linguagem dinâmica no intuito de propor uma solução para o projeto.

2 METODOLOGIA DO PROJETO DE DESIGN

Com o intuito de desenvolver um *folder* informacional sobre direitos e importância de pessoas trans como contribuintes no mercado de trabalho, foi escolhida a metodologia de MUNARI (1998) para auxiliar nesta construção que será abordada com enfoque no design gráfico.

Descrevendo a metodologia, MUNARI (1998) aponta que para o desenvolvimento do projeto, é importante seguir uma ordem lógica dos procedimentos que foram determinados desde o problema projetual até chegar em uma solução, a partir de experiências vividas pelo designer. Assim como em receitas culinárias, o design deve seguir uma ordem de “ingredientes” que resultam na solução do problema.

1. Problema

O problema elencado que dará início às discussões do projeto. O problema para o design não é algo negativo, mas é o ponto chave para a busca de possíveis soluções, através da necessidade do usuário. Em concordância com o pensamento de Munari, “O ponto de partida de todo o processo de design é a expressão de uma necessidade” (FUENTES, 2006, p.25).

2. Definição do problema

Nesta fase será definido qual a primeira premissa para a solução a ser realizada, se será provisória, comercial, fantasiosa ou definitiva. Esta fase definirá qual o propósito ideal para a solução do projeto, delimitando o problema de forma objetiva.

3. Componentes do problema

Consiste em fragmentar o problema em partes, assim, pode ser evidenciado cada detalhe em escala micro, detalhando pequenas partes do problema que não é abordado de forma geral. No desenvolvimento de um *folder*, pode se pensar nos subproblemas como: quais os materiais serão necessários para o desenvolvimento, qual tipo de impressão será melhor aplicado, quais os tipos de cores a serem utilizados.

4. Coleta de dados

Irá obter o máximo de informações necessárias para a produção do projeto, os dados podem ser utilizados para solucionar os micro problemas projetuais; análise de dados, teoria das cores, tipografia, análise de similares e todas as informações que sejam pertinentes

5. Análise dos dados

“A análise de todos os dados recolhidos pode fornecer sugestões acerca do que não se deve fazer para projetar bem [...] e pode orientar o projeto de outros materiais, outras tecnologias, outros custos”. (MUNARI,1998, p.42). Isto significa que nesta fase, serão determinadas as melhores propostas através das informações pesquisadas para que tragam resultados efetivos para o que se deve fazer e utilizar.

6. Criatividade

Nesta fase, será projetado através das análises feitas que passará a intuitividade para o desenvolvimento e materialização da ideia, através de esboços, colagens, painel semântico e conceitual e tudo que possa auxiliar na concretização do futuro projeto.

7. Materiais e tecnologias

Sobre os materiais que podem ser abordados para melhor desenvolver o projeto, neste momento, será estudado qual tipo de programa pode ser o mais ideal para pôr em prática os esboços e todo o estudo desenvolvido na parte anterior, a criatividade. Quais os acabamentos são melhores, quais técnicas são mais eficientes e qual tipo de material pode ser utilizado no momento da impressão.

8. Experimentação

Com os materiais e tecnologias utilizados, serão construídos modelos, que servirão como protótipo de testes antes de ser implementado e finalizado, aqui começa a ser observado quaisquer tipos de falhas que venham a acontecer. Para isso, pode ser testado tipos de folha, cores utilizadas, formas e dobraduras,

9. Modelo

Após a testagem de materiais, pode ser desenvolvido o modelo. Ele deve trazer a funcionalidade real do projeto, entendendo que as possíveis falhas já foram solucionadas na fase de experimentação. Os modelos podem ser apresentados através do meio impresso (protótipo), digital ou de qualquer outra maneira que seja pertinente para o projeto.

10. Verificação

Nessa verificação será analisado possíveis erros que ainda existam no projeto para fins de desenvolver novas soluções que complementam os processos já elaborados e deem por fim, um resultado efetivo para o mesmo.

11. Desenho de construção

Será detalhada as normas técnicas de produção em grande escala do projeto, estas informações vão auxiliar como um manual na compreensão de tamanho natural do projeto, codificação de cores, linha de corte. Tudo o que pode auxiliar na finalização do projeto.

12. Solução

Aqui será descrito os resultados obtidos de todo o decorrer do desenvolvimento do projeto e trazer resultados e propostas futuras para seguir com o projeto e a sua temática.

3 DESENVOLVIMENTO PROJETUAL

3.1 Problema

O problema da pesquisa consiste em como desenvolver um *folder* explicativo para o bem-estar laboral de pessoas trans para empresas.

3.2 Definição do Problema

Este projeto, parte de uma necessidade latente que envolve o preconceito identitário de pessoas transgêneras como seres sociais dentro do ambiente empregatício no Brasil. Na constatação de que os espaços de convivência e sobrevivência para elas são limitados, onde desde sua infância, no âmbito familiar, até a busca formal do trabalho quando adultas, são invisibilizadas e marginalizadas, assim, as deixando em situação de vulnerabilidade financeira. No Brasil, é uma excepcionalidade a presença de pessoas transgêneras no mercado formal de trabalho. De acordo com a ANTRA (2022), 90% de mulheres trans e travestis se encontram nas ruas trabalhando com a prostituição. Isto significa que há pouquíssimas oportunidades para que esses corpos performem em atividades trabalhistas de forma segura, afastando assim, pessoas transgêneras da marginalidade.

Enquanto à excepcionalidade, em que local essas pessoas se encontram? É importante entender também que deve haver a posição das empresas e marcas quanto ao respeito e dignidade destas pessoas como colaboradoras de seu espaço laboral.

3.3 Componentes do Problema

Aqui serão evidenciados os micros processos que compõem o conteúdo do problema elencado. O tema envolve relações de respeito com a diversidade identitária de gênero entre funcionários dentro da empresa. Assim, será pautada: a introdução sobre o tema central; respeito aos pronomes; importância do movimento dentro dos ambientes trabalhistas; leis aprovadas contra LGBTQIAP+fobia; informativos sobre denúncias contra transfobia.

3.4 coleta de dados

Se baseando no conteúdo elencado das fases anteriores, foi necessário construir um acervo de informações que colaborem com o entendimento do que é e o problema do projeto e do comportamento gerado pelo problema em questão. Esta fase de coleta de dados se torna importante para a busca geral de conhecimentos sobre o assunto abordado no projeto. Os dados analisados vão gerar maior compreensão do problema da pesquisa, assim, entendendo a importância da necessidade da solução para o problema elencado e quais os pontos que o tornam importante dentro do mercado de trabalho na sociedade.

3.4.1 Sexo e Gênero

Sexo, se entende como um processo classificatório nas instâncias biológicas, em que distingue a corporalidade dos indivíduos entre macho ou fêmea, em virtude das determinações biológicas e da fisiologia humana.

A partir disto, a biologia determina corpos entre machos, fêmeas ou intersexos pela objetividade de características como: morfologia da genitália, formação de órgãos internos (útero, ovários, testículos), medição hormonal (níveis de testosterona ou progesterona), os cromossomas (XX, XY, XXX, XXY) e outras características do ser humano, tendo em vista uma padronização corporal.

Os elementos biológicos envolvem o sexo genético, o sexo endócrino e o sexo morfológico, originando o aspecto físico do indivíduo. O sexo genético se refere à definição cromossômica, sendo XX mulher e XY homem. O endócrino é composto pelas gônadas, os testículos nos homens e os ovários nas mulheres, assim como por outras glândulas (hipófise e tireóide) responsáveis por traços de masculinidade e feminilidade. O morfológico está relacionado à aparência dos genitais internos e externos, devendo-se analisar a presença dos caracteres sexuais primários e secundários, observando se existe uma correspondência entre eles. (FRASER; LIMA, 2012, p.02)

Desta maneira, o sexo se delimita como caracterizante da corporalidade humana com determinações que classificam os corpos para fins biológicos. Já no gênero, que está totalmente ligado às ciências sociais e não às ciências biológicas, a sociedade tende a aglutinar essas duas pautas de maneira distorcida, colocando uma como necessária para existir a outra. Assim, determinando também quais são os comportamentos que cada indivíduo deve manter de acordo com o significado de “ser homem (XY) ou mulher (XX)”.

A distinção entre sexo biológico e gênero mostrou ser absolutamente crucial para o desenvolvimento da análise feminista nas ciências sociais, porque possibilitou aos eruditos demonstrar que as relações entre mulheres e homens e os significados simbólicos associados às categorias “mulher” e “homem” são socialmente construídos e não podem ser considerados naturais, fixos ou predeterminados. (MOORE, 1997, p.02).

3.4.2 O gênero performativo e o papel na Sociedade

Os comportamentos dos seres humanos são comumente caracterizados dentro da sociedade a partir do que é associado a ser homem e mulher. Por meio da cultura binária do gênero, limita-se os corpos através da genitália, impondo ao Ser Humano regras sociais que percorrem por todas as narrativas de sua vida a partir de uma visão cis heteronormativa.

É a partir desta constatação que será abordada agora a relação dos comportamentos e papéis do que socialmente se entende como homem ou mulher onde, por meio dos dispositivos delimitadores, o gênero caracteriza pessoas com pênis de meninos e com vagina de meninas. “As identidades de gênero constroem-se através da socialização, a partir do momento da rotulação do recém-nascido, ou antes, disto, através dos avanços tecnológicos, como menino ou menina”. (FILHO; SILVA, 2018, p.102).

Beauvoir (2009) aborda sobre a grande diferença entre ser homem ou mulher a partir de um pensamento machista da sociedade, em que para o homem é normal e positivo ser visto como macho de forma animalesca e primitiva, o irracional e agressivo exercendo estado de normalidade.

Desta maneira, os dispositivos que a sociedade aplica para decidir e definir como o homem performa sua vida, difere e limita como deve ser o homem; Másculo, viril, inteligente, forte e desbravador. Enquanto para a mulher resta o papel de ser recatada, calma, introvertida e frágil.

Há uma expectativa social em relação à maneira como homens e mulheres devem andar, falar, sentar, mostrar seu corpo, brincar, dançar, namorar, cuidar do outro, amar etc. Conforme o gênero, também há modos específicos de trabalhar, gerenciar outras pessoas, ensinar, dirigir o carro, gastar o dinheiro, ingerir bebidas, dentre outras atividades (HEILBORN; ROHDEN,2009, p.40).

Esses comportamentos influenciam o meio social, atribuindo o que é considerado certo ou errado na forma de agir socialmente. Isso significa que as pessoas estão limitadas a não poder agir diferente do imposto por não encaixar na heteronormatividade compulsiva, alcunhada por Butler (2015).

Com as estudiosas feministas voltadas para a perspectiva *Queer*⁵, passa a se entender que as performances do Ser para além do padrão estruturado sobre o que é ser homem ou mulher, causam as problemáticas que são vividas por uma sociedade completamente influenciada pelos comportamentos heteronormativos. Lopes (1997), diz que a distinção de sexo e gênero surgiu a partir da perspectiva anglo-saxã feminista, rejeitando os padrões biológicos como base para o gênero. Porém, abordar o gênero e a performance binária de homem e mulher como sendo uma construção, pode ser analisado através dos percursos históricos das ações performativas que caracterizam ser homem ou mulher em cada momento e cultura que os Seres se moldam.

3.4.3 Expressão de Gênero

Figura 1 – Retrato de Luís XIV, de Hyacinthe Rigaud, óleo sobre tela, c. 1700. Louvre, Paris.



Fonte: <https://ensinarhistoria.com.br/o-retrato-do-absolutismo-monarquico/>
Acesso:20/07/2020.

⁵ Em tradução literal do inglês “estranho”, *Queer* é uma maneira de identificação de pessoas que não vivem de acordo com a heteronormatividade.

Analisando a figura 1, do Rei Sol, percebe-se que os artefatos que compõem o imagético masculino são totalmente diferentes da atualidade. Meia calça, sapatos de salto, rufos, perucas armadas e acessórios em ouro eram bastante usados pela nobreza e demonstravam o poder aquisitivo que o homem possuía.

Assim, o pensamento é de que o gênero e sexo, em consequência, sua performatividade se relacionam de formas individuais: o sexo biológico é diferente do gênero, assim como é diferente de sua performatividade, sendo, esta última, a produção de significados que atribuem os corpos a serem homens ou mulheres através de gestos, expressões e qualquer comportamento ante o meio social.

A questão por trás dos pensamentos performativos socialmente ideais para os gêneros, tornam a heterossexualidade um segmento de regime de poder político. Desta forma, se faz das diferenças sexuais e, conseqüentemente do gênero, um parâmetro da exclusão pelo comportamento no meio social.

“Pensar a heterossexualidade como um regime de poder significa afirmar que longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, inscreve-se reiteradamente através de constantes operações de repetição e reiteração dos códigos socialmente investidos como naturais.” (BENTO, 2010, p. 17-18)

Esta naturalidade é descrita como ações que tornam os seres humanos homens ou mulheres a partir das performances e comportamentos sociais, considerando a heteronormatividade. Assim, se abrem questões para a contradição de significados entre homem e mulher e seu comportamento, já que o modelo idealizado para os seres são: mulheres terem vagina, serem férteis e reproduzirem a heterossexualidade, assim como homens terem pênis e transmitirem virilidade (BENTO, 2010).

Sendo então heterossexualidade e a cisgenereidade considerada a performance ideal de acordo com os comportamentos sociais, deixa-se uma questão aberta; se apenas esse segmento é o correto, significa que mulheres lésbicas, mulheres inférteis, não seriam consideradas mulheres, homens gays não seriam considerados homens, travestis e mulheres transexuais e trans não-binárias não seriam consideradas uma identidade feminina ou mulheres, assim como homens trans também não seriam considerados homens.

3.4.4 Orientação Sexual

A orientação sexual se relaciona com atração sexualmente e afetivamente de um indivíduo para com o outro, diferente de sexo que está ligado biologicamente a macho e fêmea, a orientação sexual se envolve com a conexão de corpos, sejam eles de um gênero por quaisquer outros da qual é sentida a atração.

Entende-se por orientação sexual o que se refere à capacidade de cada pessoa de ter sentimentos emocionais profundos, atração afetiva e sexual e relações íntimas e sexuais com indivíduos de um gênero diferente ou o mesmo gênero ou mais de um gênero. (THE YOGYAKARTA PRINCIPLES, Tradução nossa, 2007, p. 06).

Então, com narrativas já evidenciadas no decorrer do texto, a partir da heteronormatividade compulsória lida como correta para a sociedade, em que o

ideal é a atração por pessoas dos gêneros binários opostos (homem sentir atração por mulher e vice-versa).

Neste Padrão, a heterossexualidade está fortemente ligada a poder social onde impõe o totalitarismo da normatividade heterossexual e assim, o que não é cisgênero e heterossexual é escanteado, perde seu valor no viés social, se encontrando a margem da sociedade.

De acordo com Miskolci (2017, p. 43-44), “Heterossexismo é a pressuposição de que todos são, ou deveriam ser, heterossexuais. [...] A heterossexualidade compulsória é a imposição como modelo dessas relações amorosas ou sexuais entre pessoas do sexo oposto. [...] A heteronormatividade é a ordem sexual do presente fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero. Em outras palavras, heterossexismo, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade são três coisas diferentes, conceitos importantes que nos auxiliam a compreender a hegemonia cultural hétero em diferentes dimensões.

A partir do pressuposto que a sociedade é pautada na heterossexualidade compulsória do Ser, tudo o que não estiver no padrão binário, cisgênero e heterossexual está em situação de possível marginalidade.

Historicamente, o preconceito tem sido observado no Brasil, inclusive na forma com que os gays e a comunidade LGBT, de modo amplo, foram descritos e apresentados, visando reprovar seu comportamento, práticas e formas de ser, sendo identificadas como “abominação; crime contra a natureza; pecado nefando; vício dos bugres; abominável pecado de sodomia; velhacaria; descaração; desvio; doença; viadagem; frescura” (BASTOS et al. 2017, Apud MOTT, 2017, p. 41).

3.4.5 Identidade de Gênero

A identidade de gênero aborda como o Ser Humano entende sua existência a partir de seus significados identitários. Todas as pessoas podem ter um gênero, o que diferem as pessoas é como ela se identifica em relação ao que a sociedade aborda.

Chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quanto ao nascimento. [...] nem todas as pessoas são assim, porque, repetindo, há uma diversidade na identificação das pessoas com algum gênero, e com o que se considera próprio desse gênero. (DE JESUS, p. 10, 2012).

Já as pessoas que não se identificam com o gênero designado e imposto ao nascimento, são denominadas como transgêneras. Transgênero é um termo que abrange a diversidade de gêneros que existem e não são atribuídos socialmente a partir da genitália do indivíduo. Assim, engloba uma gama de terminologias atreladas a algum gênero, na perspectiva binária (homem e mulher) ou não binária do gênero (todos os gêneros que não performam algum ou os dois gêneros binários), há ainda pessoas que desconsideram a existência de qualquer gênero ao seu corpo, a essas pessoas podem ser chamados de agêneros.

Como cita Jesus (2012, p. 10) “Existem ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero, não há consenso quanto a como denominá-las.

Alguns utilizam o termo queer, outros, a antiga denominação “andrógino”, ou reutilizam a palavra transgênero.”

Há uma complexidade quando se aborda a subjetividade dos corpos socializados, porém é necessário que haja respeito quanto às identidades das pessoas que, a partir dos estudos de gênero *queer* reafirmam que a existência das pessoas é válida e importante.

Figura 2 – Infográfico de sexo, gênero, orientação sexual e identidade de gênero



Fonte: <https://cidadania.dge.mec.pt/sexualidade/identidade-e-genero>
Acesso:20/07/2020.

Para esquematizar os conceitos de sexo e gênero da forma mais fácil de entender, foi pesquisado o infográfico da figura 2, que será utilizado para a melhor compreensão de quais são as diferenças entre cada termo em seu contexto geral.

3.4.6 Preconceito e marginalização de pessoas transgêneras no mercado de trabalho

As evidências dos descasos que a população trans vem sofrendo em questão das relações interativo-sociais e de sua marginalização perante todos os ambientes, dá-se pautas a mais um processo de exclusão sobrecarregado das situações de invisibilidade vivenciadas por essas pessoas que culminam nas dificuldades de sua trajetória, seja pelo método disfuncional da educação ou pela negação de seus corpos ao acesso laboral, principalmente que demandem da interação social em espaços heteronormativos.

Essas dificuldades com o ambiente escolar possivelmente geram sérias consequências para a aceitação social na vida adulta. Podemos afirmar que juntamente com os preconceitos presentes nos mais diversos contextos, a baixa escolaridade pode ser considerada responsável pelas dificuldades das transexuais em alcançarem melhores colocações profissionais. Ao abandonarem os estudos, ficam impedidas de terem uma capacitação adequada para o mercado de trabalho, que cada vez exige mais qualificação e escolaridade (SOUZA, 2012, p.36-37).

As injustiças sociais apontadas por Fraser (2006), escancaram como o distanciamento de um grupo social a direitos constitucionais como saúde,

empregabilidade e educação, os levam para situações de vulnerabilidade e consequentemente à mortalidade.

Este apontamento destaca a disparidade que ainda ocorre nos sistemas trabalhista, educacional, de saúde e segurança brasileiro, a realidade dos corpos trans como abjetos mediante a sua anulação no meio empregatício exemplifica como a demanda de injustiças sociais marcam a desestabilização econômica do ser a partir das diferenças.

[...] é a injustiça econômica, que se radica na estrutura econômico-política da sociedade. Seus exemplos incluem a exploração (ser expropriado do fruto do próprio trabalho em benefício de outros); a marginalização econômica ser obrigado a um trabalho indesejável e mal pago, como também não ter acesso a trabalho remunerado); e a privação (não ter acesso a um padrão de vida material adequado) (FRASER,2006, p.232)

É importante também entender que a relação da situação de rua de tantas meninas trans e travestis está fortemente relacionada à fetichização de seus corpos por indivíduos que muitas vezes as preferem sexualizadas do que em uma posição digna e estruturada na execução do trabalho formal. “[...] a exploração sexual e econômica e a discriminação social se articulam num processo de mercantilização e de fetichização das relações implicadas num mercado e num processo de relações econômico/social/sexual.” (LIBÓRIO; SOUSA, 2004, p.51).

Neste ponto, se demonstra a relação contraditória entre a fetichização de corpos marginalizados, do veto de poder econômico e ainda, a aversão que essas pessoas sofrem, distribuindo-as em esquinas perigosas que não necessariamente as contemplem por vontade, e sim, necessidade de sobrevivência (KULICK, 2008).

Com o mecanismo capitalista, a sociedade ocidental também produz desigualdades no mercado de trabalho formal a partir de dinâmicas cisheteronormativas e classicistas no trabalho, isso significa que as populações negra, trans homem e mulher, mulher cis, dentre outras estão sujeitas a discriminação, falta de oportunidades laborais, menor poder salarial e de ascensão dentro das empresas (BONOMI, 2017).

Torna-se então, necessário saber sobre o pertencimento dos espaços quando se trata das minorias, focando aqui em pessoas trans e nas travestis ao possuírem algum vínculo empregatício formal, afinal, os empregos que demandam para esse público raramente contemplam o poder que eles têm como ser produtor laboral. Isso quando conseguem algum emprego formal que geralmente situa-se em funções de setores mais fechados.

É necessário apontar que o problema não está em categorias específicas empregatícias, afinal, é de extrema importância a vivência de pessoas trans em todos os espaços, mas o que se questiona é a barreira entre os espaços permitidos perante cargos que se limitam para o futuro empregado trans, em conjunto com a precariedade do trabalho e a ameaça causada pelo assédio moral, onde abrem margem à desigualdade e transfobia.

Um dos fatos apontados por Bonomi (2017) para a oportunidade de pessoas trans na área do telemarketing é a alta demanda de funcionários para esse segmento além de ser apontado a ocultação dos corpos trans e a utilização da voz como ferramenta de trabalho para a melhor aceitação em relação laboral, uma vez que essas pessoas estão por trás de um sistema telefônico.

Marinho e Almeida (2019) relatam a partir de entrevistas coletadas de homens e mulheres trans que, mesmo assegurados pelos direitos trabalhistas adquiridos a

partir do trabalho formal, há a preocupação das pessoas trans e travestis empregados de sofrerem violências, mesmo que sejam veladas ou diretas advindas da transfobia que podem ocorrer no cotidiano desses corpos no ambiente de trabalho, a insegurança é descrita como uma mina que a qualquer momento possa explodir em situações discriminatórias e transfóbicas.

De acordo com o Decreto Presidencial Nº 8.727/2016, assinado pela ex presidenta Dilma Rousseff em 2016, a utilização de nome social para pessoas transexuais e travestis é um direito em cargos de instituições públicas, como universidades federais e empresas estatais, assim, assegura-se o uso do nome correto à identidade do servidor público e de todos que estejam nos ambientes governamentais.

Como visto, o uso do nome social neste caso fica apenas respaldado em ambientes governamentais, assim, mesmo que atualmente haja uma nota técnica do Ministério Público do Trabalho de Fevereiro de 2020 afirmando que o uso de nome social no ambiente trabalhista é um direito, ainda não é uma lei específica, podendo abrir margem à processos transfóbicos dentro das empresas.

Outro conflito que reflete nesta “mina a ponto de explodir” e corrobora com a precariedade de trabalho diante mecanismos de opressão da identidade de gênero do trabalhador trans é quando os dispõem a situações de constrangimento por meio da negação da vestimenta e uso de banheiros adequados. A reflexão diante dessas situações expressa ainda a situação vexatória que pessoas trans podem passar a utilizar roupas que não se adequam a sua identidade de gênero.

Outra forma de negação da identidade de gênero das pessoas trans refere-se aos impedimentos de utilizarem banheiro, vestiário ou uniforme em conformidade com sua identidade de gênero. Essa questão se apresenta como barreira à permanência de pessoas trans no emprego por se sentirem constantemente constrangidas, isto é, enquanto mulheres, são forçadas a usarem vestimentas e banheiro masculinos e, enquanto homens, femininos. (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 2018, p.326)

3.5 Análise de Silimares

No intuito de auxiliar no projeto, foram analisados produtos gráficos semelhantes que tem o intuito de transmitir informações sobre respeito com o público LGBTQIAP+, principalmente de pessoas Trans.

Aqui serão analisados projetos já elaborados por instituições brasileiras que abordam temáticas semelhantes à proposta do *folder* que será projetado.

Figura 3 – LGBTfobia- chega de preconceito e violência!

The image displays two informational materials. On the left is a document with a grid of text boxes, likely a FAQ or informational sheet, with a red border. On the right is a colorful poster with a rainbow background. The poster features the text: "LGBTfobia", "E ódio. E intolerância. É contra a vida. É contra a dignidade humana. É contra a liberdade. É contra a diferença. É morte.", "DENUNCIE!", and "Chega de preconceito e violência!". It also includes logos for the Ministério Público do Trabalho (MPT) and the Comissão de Direitos Humanos e Trabalho Decente (CDHTD), along with contact information for the Comissão de Direitos Humanos e Trabalho Decente (CDHTD) and the Comissão de Direitos Humanos e Trabalho Decente (CDHTD).

Fonte: <https://defensoria.ms.gov.br>
Acesso:20/07/2022

O primeiro silimar (figura 3), é um *folder* de cinco dobras, com a dimensão não especificada do ano de 2017. Este foi produzido pela Defensoria Pública do Mato Grosso do Sul, tendo seu título **LGBTfobia-Chega de preconceito e violência!** Os temas abordados dentro do material são: O que é Defensoria Pública?; Quem é a/o Defensora/or Pública/o?; O que é identidade de gênero?; O que é orientação sexual?; O que significa a sigla LGBT?; O que é nome social e qual a sua importância?; Como alterar o nome civil pelo nome social?; O que é LGBTfobia?; Homossexualidade é doença?; Qual o banheiro a pessoa travesti e transexual pode usar no sistema de ensino?; A pessoa LGBT pode adotar?; A união entre pessoas LGBT é reconhecida?; O que fazer em caso de violência contra a pessoa LGBT?; Terminologias.

Figura 4 – A travesti e o educador: Respeito também se aprende na escola



Fonte: <https://pesquisa.bvsalud.org/bvsmis/resource/pt/mis-25610>
Acesso:20/07/2022

O título do *folder* apresentado da figura 4 é **A travesti e o educador- Respeito também se aprende na escola**. Este projeto foi retirado da base de dados do Ministério da Saúde no ano de 2017. Possui quatro dobras e a dimensão de 20x15 cm. Os temas abordados no *folder* são: Introdução; Hora da chamada; Educação física; Banheiro; Associação de pais e mestres.

Figura 5 – Orientações para atendimento de pessoas trans e travestis no conjunto CFESS-CRESS



Fonte: <http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1616>
Acesso:20/07/2022

Com o título de **Orientações para atendimento de pessoas trans e travestis no conjunto CFESS-CRESS**, o projeto da figura 5, é um *folder* de 2019, elaborado pelo Conselho Federal de Serviço Social, possuindo três dobras com a dimensão de 30x25 cm. Seus temas abordados são: O que é nome social?; O que é expressão e identidade de gênero?; Quem utiliza o nome social?; Respeitar e utilizar o nome social é um direito humano!; Quem define o nome social é a pessoa trans ou travestil; O que é preciso saber de pessoas trans; Sobre o atendimento de pessoas trans e travestis.

Figura 6 – Páginas Trans

À justiça e segurança pública. Ela foi elaborada a partir de fontes de pesquisas seguras e informações atualizadas de equipamentos públicos autorizados e/ou especializados com relação ao atendimento de pessoas trans. Para cada uma dessas áreas, apresentamos informações sobre qual equipamento público procurar, como procurar e outros dados sobre os direitos e deveres, de maneira que ninguém possa mais sofrer estas pessoas ao desconhecimento da falta de informação.

O presente material pretende ser um poderoso instrumento de inserção social, pois é por meio do conhecimento que se adquirim as forças necessárias para ocupar as mais diversas áreas, desempenhando o papel social que cada um tem por direito. Dessa forma, visamos contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária, somando forças para o enfrentamento e superação da violência e à transição.

Estendemos aos mentores e às mentoras, que estiverem ao nosso lado durante a implementação da Trans-Formação, o agradecimento pelo apoio e pelo incansável fluxo de informações e experiências que durante o curso e este material. Acima de tudo, este é um material para a população trans feita por pessoas trans.

Brasília, janeiro de 2019.

UNAIIDS

O que quer dizer transgênero?

Transgênero (que, às vezes, é abreviado para "trans") é um termo genérico utilizado para descrever uma ampla gama de identidades - incluindo pessoas transgênero, travestis, pessoas que não se identificam como homem ou mulher ou outros termos não binários, e outros, cujas aparências e características são pessoais como aquelas de gênero. Mulheres trans identificam-se como mulheres, mas foram, ao nascer, classificadas como sendo do sexo masculino. Homens trans assumem os papéis homens, mas foram definidos como possuindo o sexo feminino quando nasciram. Algumas pessoas trans passam por cirurgias ou tomam hormônios para colocar seu corpo em harmonia com sua identidade de gênero, outras não. Pessoas trans podem ter qualquer orientação sexual, incluindo heterossexual, homossexual, bissexual e assexual.

Reconhecimento da identidade de gênero

Todos têm o direito de serem reconhecidos como pessoas dentro do lei das Nações Unidas afirmam o direito das pessoas trans ao reconhecimento de sua identidade de gênero e a substituição do gênero em documentos oficiais, incluindo certidões de nascimento, sem que sejam sujeitas a requisitos onerosos ou abusivos.

Esse direito é violado em todos os lugares. Muitas pessoas negam às pessoas trans qualquer possibilidade de obter o reconhecimento legal de sua identidade de gênero. Muitas pessoas que protestam o reconhecimento legal sujeitam indivíduos trans a preencher múltiplos requisitos para que tenham sua identidade reconhecida - incluindo esteroides, submetido a tratamento ou cirurgia de redesignação de gênero, diagnóstico psiquiátrico de transição de identidade de gênero, divórcio e confinamento em instituições prisionais. Na maior parte dos países, menores de idade e pessoas não binárias não possuem nenhum acesso ao reconhecimento de sua identidade de gênero.

O que quer dizer LGBTQI?

LGBTQI é a sigla para "lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, travestis, transsexuais e intersexuais". É importante ressaltar que, no Brasil, a identidade "travesti" é uma importante reivindicação política do movimento social. Embora esses termos tenham cada vez mais reconhecimento global, em diferentes culturas os termos podem ser utilizados para descrever pessoas que se sentem atraídas por pessoas do mesmo gênero, pessoas cuja identidade de gênero se diferencia da sexo designado ao nascimento, pessoas que apresentam identidades de gênero não binárias e pessoas cujas características sexuais não se encaixam nas típicas definições de macho e fêmea.



Fonte: imagens feitas pelo autor

Páginas Trans- Guia de acesso a direitos e serviços para pessoas trans é uma cartilha da Organização das Nações Unidas, como visto na figura 6, foi retirada da Base de dados da ONUBR. Com dimensão não especificada, a cartilha foi publicada no ano de 2018. Os temas abordados são: Apresentação; Conceitos; Assistência Social; Saúde; Educação; Trabalho e empreendedorismo; Cultura; Justiça e segurança pública; outras instituições parceiras das pessoas trans.

Figura 7 – Promoção dos direitos humanos de pessoas LGBT no mundo do trabalho



Fonte:

https://unaiids.org.br/wp-content/uploads/2016/01/2015_ManualPromocaoDireitosLGBTTrabalho_PT_V2.pdf
Acesso: 20/07/2022

Promoção dos direitos humanos de pessoas LGBT no mundo do trabalho, é uma revista informativa da Organização Internacional do Trabalho e foi retirada da base de dados da ONUBR em sua segunda edição, em 2015.

Os temas que a revista aborda são: transgêneros no mercado de trabalho; homossexuais e lésbicas no mercado de trabalho; convivendo com HIV; fazendo acontecer.

3.6 Análise de Dados

A partir das informações adquiridas com as pesquisas, tornou-se perceptível que os componentes informacionais e iconográficos dos projetos podem levar o entendimento de forma sucinta para o que é necessário para que o leitor entenda.

As cores podem ser bastante representativas para o projeto, que, como visto em alguns exemplos, são característicos da representatividade trans (azul, rosa e branco) e LGBTQIAP+ (sete cores do arco-íris) em geral. Estas disposições de cores ao serem pensadas como identidade visual do movimento, podem trazer a percepção, para quem visualiza o *folder*, do que ele trata mesmo sem necessariamente o folhear.

Outra questão é a sobreposição de cores de fundo e texto, entendendo que a aplicação em tons diferentes deve ser aplicada a cores diferentes também, ou seja, se o fundo é azul marinho, o ideal é que as letras sejam em cores claras para que haja legibilidade das informações.

Foi analisado também que os grids do texto podem trazer um respiro para o leitor. Textos muito longos e corridos, visualmente não parecem tão agradáveis. Quando algum elemento gráfico ou espaçamento os define em tópicos, clareia a divisão de conteúdos e deixa menos incômodo para os olhos do leitor.

Tipografias com maior clareza e legibilidade é essencial para que os textos sejam fáceis de ler, um *folder* mesmo tendo baixa complexibilidade de dados, ainda pode trazer grandes quantidades de informações textuais. Sendo neste ou não o caso, é importante sempre que tragam fontes com tamanho legíveis. O uso de *letterings* podem ser bem vindos contanto que haja, assim como o restante dos textos de fonte, a legibilidade necessária.

Logo, é percebido que há grandes quantidades de informações que são comuns para o desenvolvimento do projeto gráfico, mas que também, para cada tema haverá uma abordagem diferente referentes ao que se necessita entregar. No caso do projeto aqui desenvolvido serão elencadas informações sobre o respeito dentro do trabalho.

3.7 Criatividade

Nesta fase, se iniciará o processo prático do desenvolvimento projetual. Como abordado nas primeiras instâncias deste trabalho, será elaborado um *folder* explicativo sobre o respeito para com pessoas transgêneras dentro das empresas. Para este fim, serão apresentados os processos criativos que poderão ser utilizados para a produção e finalização do material gráfico.

3.7.1 Folder

Como já abordado, este projeto será construído no intuito de trazer informações para o público que lida com colegas colaboradores dentro das empresas e para a própria empresa, a partir do desenvolvimento de um informativo em *folder*.

Para isso, se imaginou que o artefato prenda os olhares do leitor e que não traga a fadiga do pragmatismo de dobras tão simples ou até mesmo de uma leitura carregada em informações textuais que podem ser bem aplicadas de forma simples e também exemplificadas por meio de ilustrações.

O intuito para este *folder* é que ele não seja apenas um peso de papel para quem o receber, é importante que o trabalho de emitir informações seja bem analisado e que faça com que o consumidor o veja como algo útil em seu dia-a-dia. O *folder* além de pensado como estratégia de trazer conhecimento, também ganhou uma utilidade estética e informativa quando chegasse ao fim das discussões de suas pautas, se tornando um pôster temático do assunto abordado.

3.7.2 Produção Textual

A produção dos textos que serão abordados dentro do projeto é o primeiro passo para dar forma. Com os textos será possível analisar o espaço, tipo de dobraduras, composição textual e imagética com o intuito de identificar as divisões que o folder poderá ter.

O roteiro textual para o folder surgiu das coletas de informações da etapa anterior, essas informações foram escritas com uma linguagem menos formal para trazer a identificação da linguagem cotidiana e facilitar na absorção de informações importantes e necessárias a serem aprendidas.

As divisões de textos foram feitas em seis etapas, sendo elas: **DEIXA A GENTE TRABALHAR** (chamada do *folder*); introdução; você sabia?; NÃO CONFUNDA!; infograma de sexo, Orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero. Compreendendo a quantidade de textos criados, é possível imaginar o espaço necessário para cada informação dentro do projeto.

3.7.3 Cores

A cor é uma das partes primordiais de um projeto. Como afirma Silveira (2015), a cor gera informações simbólicas, culturais e sociais, que, por meio de sua configuração no ambiente, gera algum significado dentro das percepções cotidianas do coletivo.

A busca das cores para dentro deste projeto veio a partir do estudo das bandeiras que compõem o movimento LGBTQIAP+ e que se tornaram formadores da identificação visual/cultural desta população, desde o macro, até cada micro segmento dentro das causas que o movimento abrange.

Para isto, as possibilidades de cores foram retiradas da bandeira do movimento LGBTQIAP+ desenvolvida em 2018 pelo designer Quasar, nos Estados Unidos, que abrange uma maior quantidade de cores do que a já conhecida bandeira do arco-íris. A bandeira de Quasar, busca trazer maior representatividade evidenciando as cores da bandeira trans e o marrom e preto para a representação das causas de pessoas não-brancas dentro do movimento.

Mesmo com a bandeira já contemplando as cores trans, foi evidenciado a bandeira específica com as cores rosa, branco e azul, que representam as pessoas transgêneras, principalmente homens e mulheres trans e travestis. As outras cores estudadas foram da bandeira de pessoas trans não-binárias, sendo representadas pelas cores amarelo, preto, branco e roxo.

Figura 8 – Colagem das das bandeiras trans e do movimento LGBTQIAP+



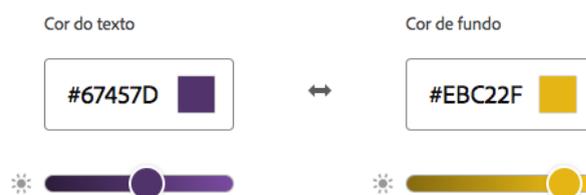
Fonte: Autoria própria

Com a quantidade de cores e informações que a figura 8 carrega, dentro do propósito do projeto, foi decidido optar por cores que fossem semelhantes às que representassem bem as bandeiras trans, assim, os tons roxos, amarelo foram pensados para o plano de fundo do *folder* e cor tipográfica, enquanto azul, branco e rosa foram selecionados como cores para os elementos gráficos que compõem algumas ilustrações específicas de representação da luta trans.

A cor funda que será utilizada no papel será roxa, encontrado no código hexadecimal #67457D, enquanto a cor tipográfica, foi escolhida em um tom de amarelo #ebc22f.

Para estas escolhas, foi avaliado o comportamento das cores diante a necessidade de uma leitura eficiente das informações analisado nas figuras 9 e 10 abaixo. Esta avaliação foi feita pela *Adobe Colors* que analisa as cores e tons adequados de acordo com o tamanho da fonte tipográfica, elementos visuais e fundo para transmitir legibilidade ao usuário, assim, com a análise feita, se notou que essas duas cores estariam adequadas para uma construção legível.

Figura 9– Cores analisadas pelo *Adobe Colors*



Fonte: Autoria própria

Figura 10 – contraste avaliado pelo Adobe Colors



Fonte: Autoria própria

3.7.4 Lettering

A pesquisa de formas e estilos do painel semântico foi importante para gerar possibilidades que pudessem auxiliar nos desenhos e traços para compor o projeto, nele foi abordado diversas técnicas de desenhos figura-fundo, frases compondo elementos ícones gráficos, letras mais fluídas, assim como mais quadradas. Assim, trazendo diversas possibilidades para que a construção dos desenhos e ideias fossem mais livres, como na figura 11.

Figura 11 – Painel Semântico para *lettering*

Fonte: Imagens retiradas de pesquisas no Google

O *lettering* foi pensado para a chamada da campanha como identidade do *folder* e possíveis títulos para os subtemas, a partir da tag **DEIXA A GENTE TRABALHAR**, começou os rascunhos em papel A4 para desenvolver o logotipo que iria compor a identidade visual do projeto.

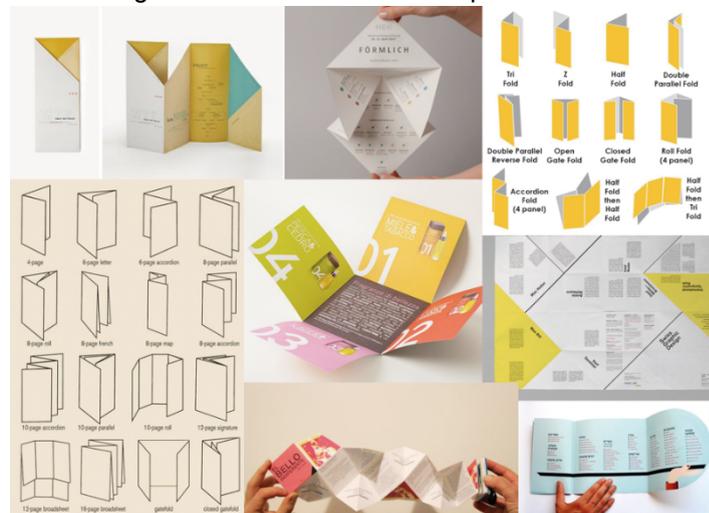
3.7.5 Dobraduras

As técnicas de dobras são a parte do projeto que darão todo o sentido para o tipo de informativo escolhido, o *folder*. Este método consiste em dividir as informações a serem passadas por meio de dobraduras, criando sessões de informações e escalando as prioridades.

Pensando nisso, foi estudado as dobras que pudessem abranger todo o conteúdo desenvolvido da produção textual, e dos demais componentes do conteúdo produzido para cada dobra do papel.

Foi feita uma pesquisa feita para abrir as percepções sobre os tipos de dobras, tamanhos e técnicas que variam entre formatos dos mais comuns aos mais elaborados, desta forma, se buscou alguns formatos e modelos por meio de imagens que pudessem fazer sentido no projeto como visto na figura 12 abaixo.

Figura 12 – Painel Semântico para dobraduras



Fonte: Imagens retiradas de pesquisas no Google

Conhecendo algumas dobraduras, o projeto conseguiu sair das formas comuns de apresentação dos conteúdos comumente vistos em um *folder*. A estratégia de buscar inovar no tipo de dobradura aconteceu pela necessidade de fazer do artefato em desenvolvimento, um produto mais dinâmico, que gerasse maior interação e curiosidade no leitor diante do projeto.

O tipo de dobradura que melhor se encaixou como mecanismo de interação do *folder* foi em formato triangular invertido com dezoito dobras para que tenha módulos suficientes para as informações que ali se encontrarão.

3.7.6 Rascunhos

Os rascunhos foram feitos primeiramente à mão, em papel branco, caneta e lápis grafite, no intuito de produzir elementos que trouxessem a identificação do que provavelmente seria abordado nas informações do projeto, utilizando o processo manual para depois passar para o meio digital. Este processo auxiliou no desenvolvimento da aplicação de formas, cores e texturas. Assim, foi possível imaginar como seria produzido o protótipo.

Os primeiros desenhos foram elaborados com o elemento que simboliza a resistência das classes sociais por meio da força e do poder da luta contra LGBTQIAP+fobia com o simbolismo de punho cerrado, que transmite o um gesto corporal da luta de classes, vistos na figura 13. Como afirma (LOPES, p.23) “[...] o punho cerrado passou a permitir a leitura do posicionamento resistente para além da luta de classes, passando, definitivamente, para o universo da contestação social”.

Figura 13 – Rascunhos de possíveis ilustrações para a capa



Fonte: Autoria própria

Pensando em aproximar o simbolismo da resistência para o contexto da empregabilidade transgênera, a carteira de trabalho foi adicionada na mão cerrada com o intuito de mostrar qual é a luta que o *folder* deseja representar. Assim como a cor da mão foi escolhida para representar a cor da bandeira da causa trans.

Outra ilustração foi pensada como a anatomia da identidade do Ser Humano dentro das identidades de sexo e gênero dentro da sociedade. Esta ilustração representa como é dividido e quais as diferenças entre sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual. Nos primeiros rascunhos a forma humanoide foi estudada até que se entendeu que trazer a ludicidade para este elemento poderia abranger melhor, já que não necessariamente precisaria representar um homem ou mulher, sendo que há uma gama de possibilidades para além desses gêneros binários, sendo visto na imagem abaixo pela figura 14.

Figura 14 – rascunho da ilustração do informativo



Fonte: Autoria própria

Com a última folha do *folder* (o verso), foi elaborada uma ilustração sobre o empoderamento de pessoas trans nos empregos, pensando em possíveis utilizações para o artefato para além de transmitir informações importantes, transformando o *folder* em pôster.

Pensando na distribuição das informações textuais e de toda a proposta do *folder*, foi analisado os tipos de dobraduras que poderiam ser utilizadas e que comportassem todos os textos e imagens de forma concisa. Para isso, os papéis em A4 foram utilizados como teste para dobraduras, desde as dobras tradicionais até dobras menos convencionais, para que o papel entrasse em acordo com a quantidade de informações que o projeto deve comportar como visto na figura 15 abaixo.

Figura 15 – Possíveis dobraduras



Fonte: Autoria própria

3.8 Materiais e Tecnologias

O material escolhido para impressão do projeto foi o papel Couchê Brilho de 90g/m², em folha de formato A2: 420 x 594 mm. A escolha deste papel se deu por perceber a necessidade de um revestimento maior nos dois lados da folha, já que o material impresso será em frente e verso.

Como abordado por Cordeiro (2017), este tipo de papel possui um revestimento com cera hidrofóbica que auxilia na impermeabilidade da folha, tornando-a um pouco resistente a água e outros processos que possam danificar o papel.

O tipo de impressão escolhida será a impressão digital, por se tratar de um projeto que será criado em *softwares* de computadores e depois será organizado para enviar os dados projetuais para a máquina de impressão. O sistema de cor utilizado é o *CMYK* que apresenta cores pigmentosas e subtrativas, ou seja, os tons são desenvolvidos a partir da retirada de cores.

Os programas utilizados para a produção do *folder* foram o *Adobe Photoshop*, *Adobe Illustrator* e *SketchBook*. O *Photoshop* foi utilizado para edição das imagens para colagens e ajustes das ilustrações, enquanto o *Illustrator* foi responsável pela produção editorial e vetorial do *folder*, ou seja, todos os elementos de *grid*, margens, uso de fontes tipográficas. O *sketchBook* foi utilizado como software para produção de ilustrações e ícones, sendo um programa voltado para esboços e desenhos. Na produção das ilustrações foi utilizada uma mesa digitalizadora HUYON 420.

3.9 Experimentação

O papel utilizado para as produções dos rascunhos e protótipos foi o A4, e quando havia a necessidade da construção de um papel maior, os papéis eram colados, criando assim tamanhos de A3 à A0.

Ao analisar os tipos de dobraduras e o tamanho do papel, foi entendido que uma folha A4 aparentemente seria extremamente pequena para a quantidade de informações imagéticas e textuais pensados. Assim, foi se criando dobraduras com vários tamanhos até que chegasse em um ideal, mas a função do *folder* no momento seria apenas de testar as dobras do papel com o intuito de análise mecânica do *folder*.

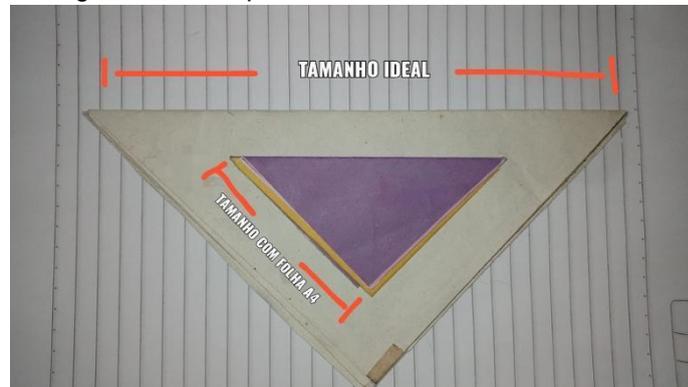
Para a produção do tamanho ideal da folha, foram colados quatro papéis do tamanho A4 (210x297 mm) criando assim um espaço total de uma folha A2 (594x420 mm). A folha foi escolhida depois de analisar diversos tamanhos do protótipo, que, para conseguir boa leitura dos elementos textuais e visuais, se constatou que este seria o tamanho ideal para o tipo e quantidade de dobraduras que foi pensado.

3.10 Modelo

Após montar todas as partes desenvolvidas da experimentação, passou a se fazer os testes de modelos impressos, como já mencionado, os modelos foram impressos em tamanhos variados desde A4 até o tamanho A2, para realmente ter a certeza de que o tamanho pretendido seria o ideal pós impressão.

A primeira impressão foi em A4 e estava muito pequeno para o compilado de informações dentro da área das dobraduras, dificultando a leitura de todo o projeto e também não comportaria o tamanho imaginado para o pôster que seria uma das funções para além de um papel explicativo.

Figura 16 – comparativo do tamanho da dobradura



Fonte: Autoria própria

Como visto na figura 16 acima, existe uma enorme diferença entre o tamanho do impresso A4 para o tamanho A2, logo, foi descartada a possibilidade de todo o projeto ser feito em apenas uma A4.

O segundo modelo foi feito em quatro folhas de A4, por ter sido feito em impressora tradicional jato de tinta (impressoras mais encontradas em casa). Cada parte da A4 foi colada assim tornando o *folder* em um tamanho único equivalente a uma A2.

Pelo tipo tradicional da impressão A4, o material não conseguiu ser impresso completamente, pois, a impressora faz um recuo de sangria da página, retirando um pequeno pedaço da lateral direita do protótipo, mesmo assim, após as dobraduras, se percebeu que cada espaço montado a partir do grid se encaixou perfeitamente.

Após ser impresso, colado e dobrado, foi confirmado que este seria realmente o tamanho ideal para o projeto. Como pode se analisar na figura 17 a seguir, há uma discrepância entre os dois tamanhos de papel.

Figura 17 – Comparativo do tamanho dos testes A2 e A4



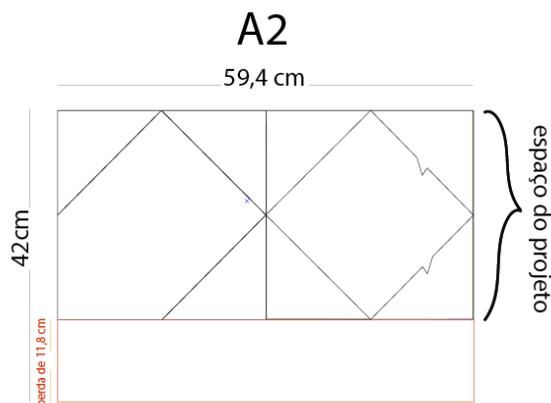
Fonte: Autoria própria

3.11 Verificação

Dentro das experimentações ficou um incômodo da perda de papel que iria acontecer. Foi pensado em um formato triangular para as dobraduras, que contando toda a diagramação do projeto, haveria uma perda do papel da folha em A2.

Esta perda, não faria sentido, já que seria desperdício de um espaço que poderia ser utilizado para outra funcionalidade. Como pode ser visto abaixo na figura 18, se mostra uma grande perda de área do papel, caso não fosse desenvolvida outras funções para o mesmo.

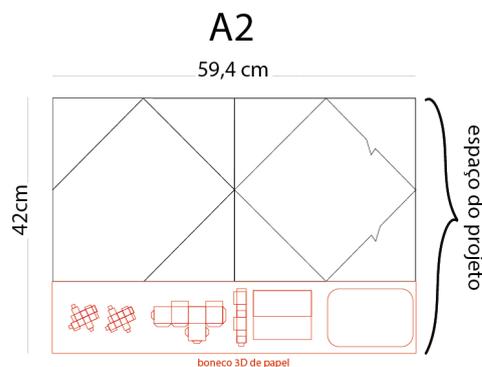
Figura 18 – Perda de área da folha



Fonte: Autoria própria

Para resolver a perda de material, foi pensado em outro elemento que poderia trazer uma funcionalidade para aquele espaço, seguindo o mesmo intuito de que trouxesse algo interessante e que não fosse descartável pelo usuário. Pensando neste novo problema, desenvolveu-se um boneco 3D de papel (*papertoy*), sendo o mesmo personagem da ilustração do pôster, para recortar e colar, assim, evitando desperdiçar tanto papel e trazendo mais uma funcionalidade para este projeto, visto abaixo na figura 19.

Figura 19 – Solução para a área perdida



Fonte: Autoria própria

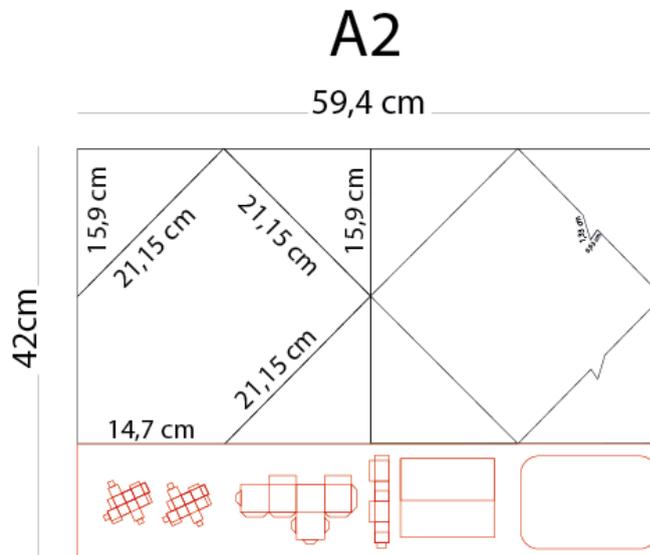
3.12 Desenho de Construção

Com o final dos ajustes, foi possível entregar o projeto inteiro com as alterações necessárias para que ele pudesse ser implementado e produzido em série. Para a impressão deste projeto, o arquivo foi salvo em PDF no sistema de cores CMYK, em PDF X- 1A, que é o sistema que as gráficas aceitam sem maiores problemas. As dimensões abaixo são para detalhar o projeto em cada parte do processo, mas, o arquivo já vai fechado com todas as predefinições já certas para ser impresso.

Folder

Na figura 20 abaixo, é visto de em detalhes as dimensões em centímetros das partições onde serão feitas as dobraduras do *folder*.

Figura 20 – Medidas do *folder*

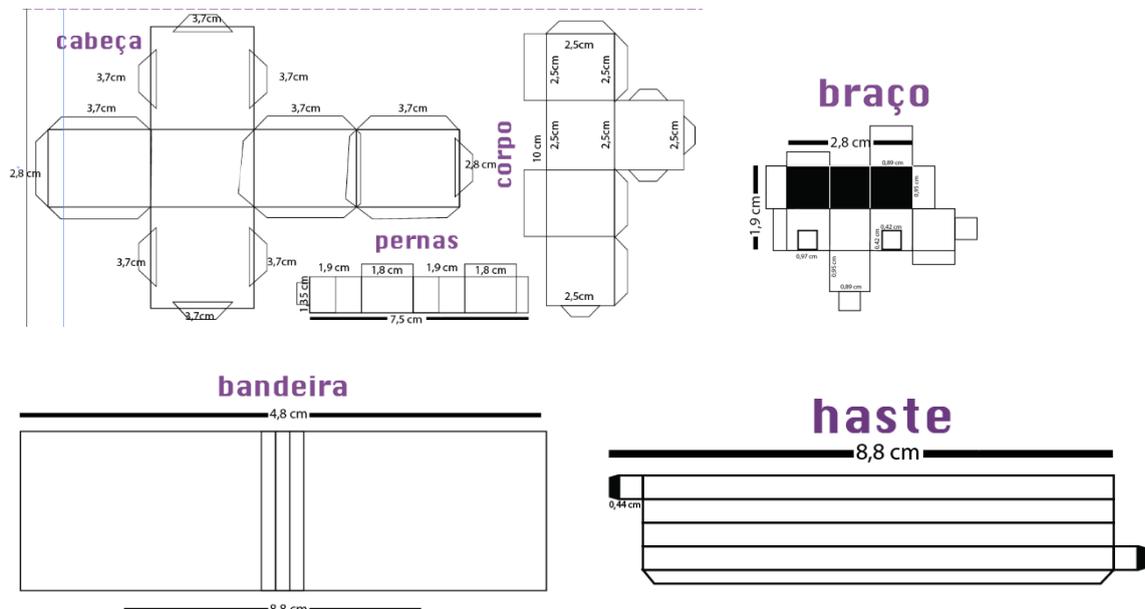


Fonte: Autoria própria

Papertoy

Detalhes do papertoy em centímetros detalhado de cada parte que o integra, visto abaixo na figura 21.

Figura 21 – Medidas dos elementos do *papertoy*



Fonte: Autoria própria

Ilustração 1

Largura e Altura da ilustração feita para o poster no verso do *folder*, visto na figura 22.

Figura 22 – Altura e largura total do poster

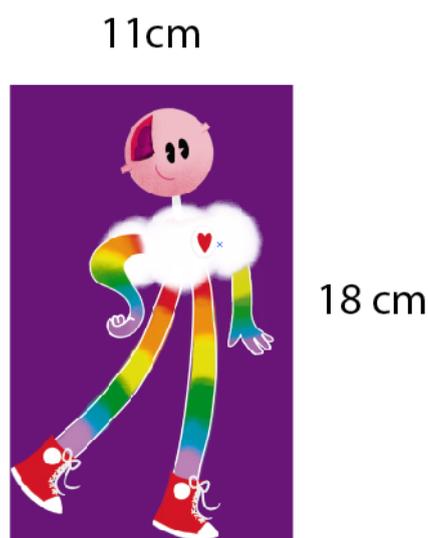


Fonte: Autoria própria

Ilustração 2

Largura e Altura da ilustração feita para informações de sexo e gênero do *folder*, visto na figura 23.

Figura 23 – Altura e largura da ilustração sexo, gênero e identidade

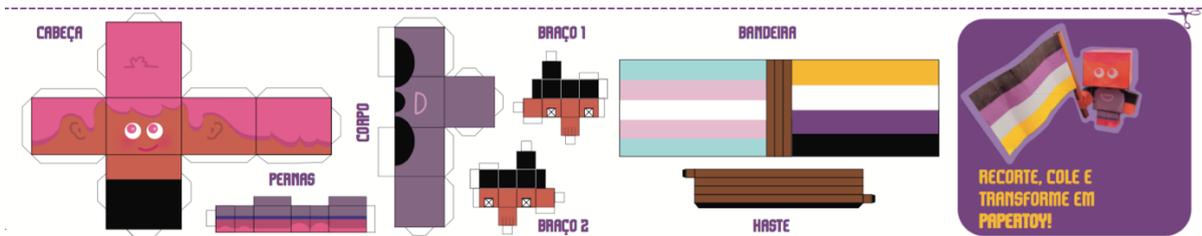


Fonte: Autoria própria

Folder frente e verso

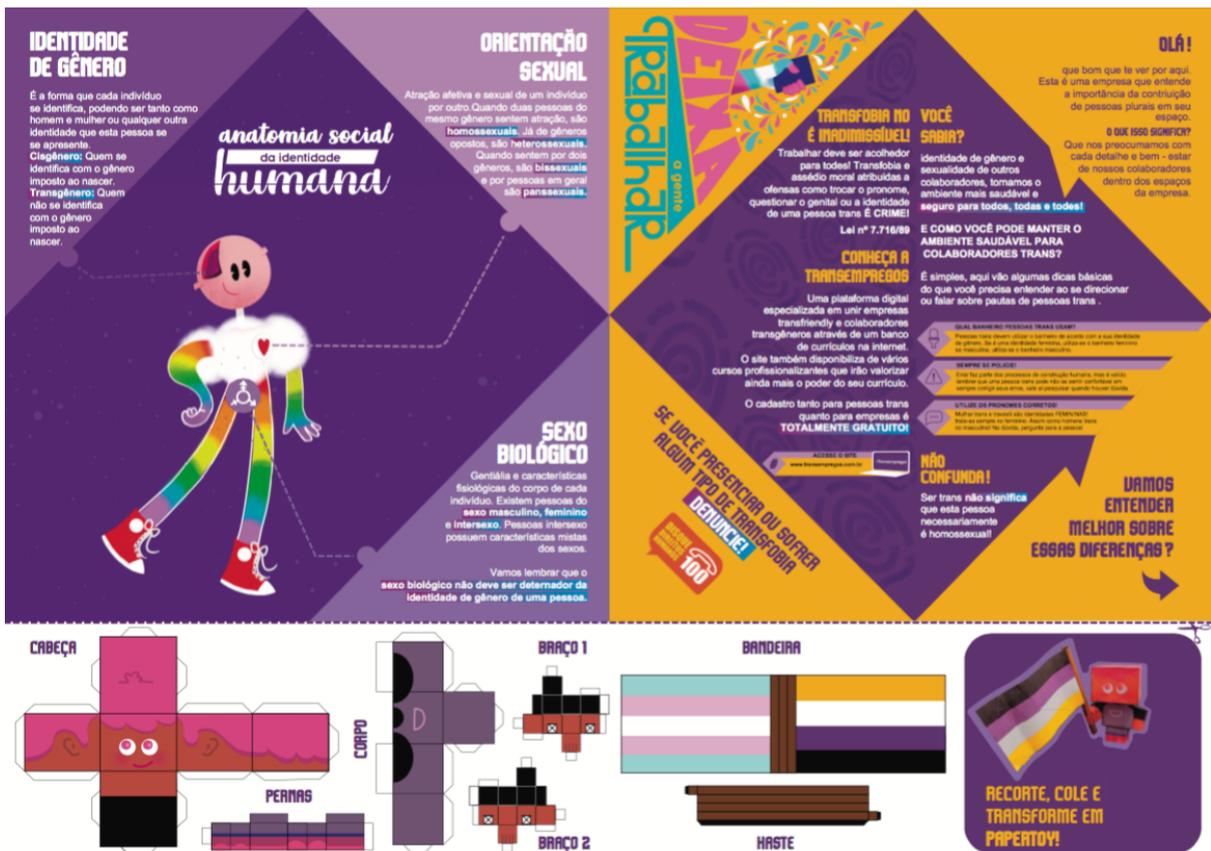
Abaixo nas figuras 24 e 25, está a parte frontal do projeto visto de forma aberta, destacando respectivamente o *papertoy* e a frente inteira do *folder*.

Figura 24 – papertoy



Fonte: Autoria própria

Figura 25– Frente em visão aberta do folder



Fonte: Autoria própria

Abaixo, na figura 26, está o poster produzido para o *folder* e as cores da bandeira transgênera onde será feito o corte para a colagem do *papertoy*.

Figura 26 – Verso em visão aberta do *folder*



Fonte: Autoria própria

Dobras pós impressão do projeto em A2

Figura 27 – *Folder* em suas dobras



Fonte: Autoria própria

Na figura abaixo (figura 28) está o manual de abertura do *folder*.

Figura 28 –Manual do *folder*



Fonte: Autoria própria

3.13 Solução

O *folder* foi decidido para dar vida ao projeto, para tratar das informações de forma modular e sequencial e pelas possibilidades criativas da apresentação do conteúdo, além de um informativo rápido para ler. O *folder* foi dividido em onze módulos triangulares onde cada módulo traz uma informação diferente, mas que complementa os outros módulos, trazendo uma sequência de informações visuais e textuais.

O fundo do projeto foi escolhido em amarelo e roxo respectivamente no código hexadecimal de # EBC22F e # 744D8D. Essas cores selecionadas remetiam o mix de cores que representam as populações trans, sendo rosa, azul e branco, quanto roxo, preto e amarelo, as cores da bandeira trans e trans não-binária.

Para o desenvolvimento do título do projeto para o *folder*, foi escolhido o título DEIXA A GENTE TRABALHAR! Este título foi gerado a partir da arte de *lettering* para conseguir atrair o público de forma mais lúdica e também para haver a possibilidade de criar uma arte que se encaixasse perfeitamente no espaço e formato limitado que o *folder* tem, formato triangular.

As tipografias escolhidas para os títulos, subtítulos e textos foram a Krungthep Regular e Arial regular, o motivo da escolha foi oriunda principalmente da necessidade de uma boa legibilidade para os textos mais longos. A Krungthep não é serifada e possui um peso visual que destaca bem em títulos e se diferencia das demais produções textuais. Já a Arial Regular é uma fonte que possui uma boa legibilidade principalmente por apresentar serifa que facilitam o usuário na leitura cotidiana.

Foram feitas duas ilustrações para compor o projeto, a primeira é representando as diferenças entre identidade de gênero, sexo biológico e orientação sexual. Composta por uma figura lúdica que representa o Ser dentro da sociedade. Já a segunda ilustração, localizada na parte de trás do informe (um pôster) representa o poder que as pessoas trans tem e a força das lutas contra transfobia dentro dos ambientes de trabalho, representados por uma pessoa hasteando a bandeira trans/ trans não-binária em cima de uma carteira de trabalho.

A parte que não havia sido preenchida pelo *folder* na folha A2, se tornou mais um elemento para que não houvesse um descarte pela falta de utilidade do *folder* para além de um informe, então, foi criado um boneco recortável e colável em 3D com o mesmo personagem da ilustração do pôster, para se tornar mais um elemento a ser utilizado sem haver desperdício de papel e criando mais uma utilidade além das informações a serem passadas pelos textos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o conhecimento adquirido durante todo o processo do memorial, se percebe a necessidade da produção de materiais didáticos que auxiliem no estado comportamental de colaboradores dentro do ambiente de trabalho para com as pessoas transgêneras. Este acesso à conhecimentos sobre o respeito entre colaboradores trans e cisgêneros traz benefícios importantes para a evolução da empresa como amiga da diversidade, culminando na percepção de um local atualizado e ampliando os olhares do público consumidor e trabalhador para este espaço.

Trazer para o papel informações importantes de uma pauta delicada e necessária de maneira sucinta, que, por muitas vezes é incompreendida pela população, é um grande desafio.

Transformar as informações através do imagético com dinâmicas textuais e a curiosidade de um mecanismo menos convencional de dobraduras se tornou uma estratégia para tirar da monotonia de um *folder* cheio de palavras que pudesse ser simplesmente guardado em uma gaveta ou descartado após uma rápida leitura.

A intenção de manter as informações sempre ao alcance para evitar menos descarte do material veio através de novas utilizações para o *folder*. O *paper toy* e o pôster atrás do material manteriam todas as informações que a empresa amiga da diversidade necessita que o colaborador entenda e também serviria como material estético (pôster) e dinâmico (recorte e colagem do *paper toy*).

Durante todo o processo houveram erros que foram sendo reparados de acordo com a compreensão deles, assim como acertos foram revisados para que se chegasse ao produto final, todos eles estabelecidos pela metodologia de Munari (1998).

Os objetivos do projeto foram concretizados apesar dos erros durante o percurso. Com as dificuldades ocorridas, estes erros serviram como parte do processo de aprendizado, foi a partir da compreensão detalhada dos caminhos que antes eram pensados como a melhor estratégia para um resultado de sucesso que surgiram ajustes resultantes na finalização ideal do projeto.

Unir estudos de Design e dos processos sociais da identidade de gênero foi algo desafiador, porém gratificante. Cada passo das pesquisas em conjunto com os processos metodológicos ampliou significativamente o conhecimento sobre o assunto abordado e gerou novas expectativas sobre como o design é um meio transformador dentro da sociedade.

Outrossim, esta é uma solução paliativa para um problema social oriundo de uma cultura que é enraizada de processos excludentes para com pessoas da comunidade. As dificuldades que estas pessoas sofrem vão muito além do que o projeto poderá auxiliar, mas poderá servir como base para auxiliar projetos futuros ou até mesmo atualizações para o projeto aqui desenvolvido tendo em vista auxiliar em novas produções acadêmicas do design para novas soluções voltadas a temáticas de sexo, gênero e identidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cecília Barreto de; VASCONCELLOS, Victor Augusto. Transexuais: transpondo barreiras no mercado de trabalho em São Paulo? **Revista Direito GV**, v. 14, p. 303-333, 2018.

BASTOS, Gustavo Grandini; GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. A homofobia em discurso: Direitos Humanos em circulação. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 17, n. 1, p. 11-24, 2017.

BENEVIDES, Buna G. Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021. ANTRA,2022. Disponível em: <<https://antrabrazil.org/2020/01/29/lancado-dossie-sobre-assassinatos-e-violencia-contr-pessoas-trans-em-2019/>>. Acesso em: 28/03/2022.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 549-559, 2011.

BENTO, Berenice. As tecnologias que fazem os gêneros. In: **VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero**. 2010.

BONOMI, CAROLINA. Entre o laudo e a carteira:(trans) formações no mercado de trabalho?. Campinas, 2017.

BONOTTO, Natália Rissinger et al. A construção da empregabilidade para uma mulher transexual. 2020.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e sub da identidade. **Rio de Janeiro: Civilização Brasileira**, 2015.

BRASIL, Secretaria Geral- Subchefia para assuntos jurídicos, Decreto nº 8.727, de 28 de Abril de 2016. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20152018/2016/decreto/d8727.htm>. Acesso em: 28/03/2022.

BRASIL, COORDENADORIA DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE OPORTUNIDADES E ELIMINAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO NO TRABALHO - COORDIGUALDADE, Fevereiro de 2020. Disponível em:<https://www.migalhas.com.br/arquivos/2021/1/070dd0c8315e98_notatecnica.pdf>. Acesso em: 15/10/2022.

CORDEIRO, Mariana Marques. Manual de produção gráfica. ISSUU, 2017. Disponível em: <https://issuu.com/marianacordeiro10/docs/manual_de_producao_grfica_-_mar_c074dff1112d0>. Acesso: 19/08/2022.

DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2009.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. **Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**, v. 2, p. 42, 2012.

Diversidade: O caminho ainda é longo. Diário do Comércio, 2018. Disponível em: <<https://diariodocomercio.com.br/opiniao/diversidade-caminho-ainda-e-longo/>>. Acesso em: 28/03/2022.

FALEIROS, Vicente de Paula. O fetiche da mercadoria na exploração sexual. **A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: Reflexões teóricas, relatos de pesquisa e intervenções psicossociais**, p. 51-72, 2004.

FILHO, Flavi Ferreira Lisboa; SILVA, Thomas Josue. CULTURA E IDENTIDADE: Subjetividades e minorias sociais. Santa Maria, FACOS-UFSM, 2018.

FRASER, Roberta Tourinho Dantas; LIMA, Isabel Maria Sampaio Oliveira. Intersexualidade e direito à identidade: uma discussão sobre o assentamento civil de crianças intersexuadas. **Journal of Human Growth and Development**, v. 22, n. 3, p. 348-357, 2012.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 15, n. 14-15, p. 231-239, 2006.

FUENTES, Rodolfo. **A prática do design gráfico: uma metodologia criativa**. Rosari, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza; ROHDEN, Fabíola. Gênero e Diversidade na Escola: a ampliação do debate. **Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM/PR) Secretaria Especial de Políticas de Igualdade Racial (SEPPIR/PR) Ministério da Educação (MEC)**, p. 11, 2009.

KULICK, Don; GORDON, C. Travesti: prostituição. **Sexo, gênero e cultura no Brasil**. GORDON, César (Trad.). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; SOUSA, Sônia M. Gomes (Ed.). **A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: reflexões teóricas, relatos de pesquisas e intervenções psicossociais**. Casa do Psicólogo, 2004.

LOPES, Michelle Aparecida Pereira. CORPO E (M) RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DO PUNHO CERRADO NAS MANIFESTAÇÕES SOCIAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO À LUZ DA SEMIOLOGIA HISTÓRICA. **Corpos, sujeitos e discurso: identidades ressignificadas**, p. 9.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

MARINHO, Silvana; DE ALMEIDA, Guilherme Silva. Trabalho contemporâneo e pessoas trans: considerações sobre a inferiorização social dos corpos trans como necessidade estrutural do capitalismo. **Sociedade e Cultura**, v. 22, n. 1, 2019.

MARTINELLI, Fernanda et al. Entre o cisplay e a passabilidade: transfobia e regulação dos corpos trans no mercado de trabalho. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 348-364, 2018.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Autêntica, 2017.

MOORE, Henrietta. Compreendendo sexo e gênero. **Companion Encyclopedia of Anthropology**. London: **Routledge**, 1997.

MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. Tradução José Manuel de Vasconcelos.- São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PREAMBULE, The Yogyakarta Principles, 2007. Disponível em: <yogyakartaprinciples.org/preamble/>. Acesso em: 28/03/2022.

SOUZA, Heloísa Aparecida. Os desafios do trabalho na vida cotidiana de mulheres transexuais. [dissertação]. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas; 2012.

APÊNDICES

PRODUÇÃO TEXTUAL DO FOLDER

Primeira página:

DEIXA A GENTE TRABALHAR!

Segunda página:

Olá! que bom que temos você com a gente! A nossa empresa busca sempre o respeito com as pessoas e suas pluralidades.

O que isso significa?

Que nos preocupamos com cada detalhe e bem-estar de nossos colaboradores dentro dos espaços da empresa.

Terceira página:

Você sabia?

Quando respeitamos a identidade de gênero e sexualidade de outros colaboradores, tornamos o ambiente mais saudável e seguro para todos, todas e todes!

E COMO VOCÊ PODE DEIXAR O AMBIENTE MAIS CONFORTÁVEL PARA NOSSOS COLABORADORES TRANS?

É simples, aqui vão algumas dicas básicas do que você precisa entender ao se direcionar ou falar sobre pautas de pessoas trans.

Quarta página:

QUAL BANHEIRO PESSOAS TRANS USAM?

Pessoas trans devem utilizar o banheiro de acordo com a sua identidade de gênero. Se é uma identidade feminina, utiliza-se o banheiro feminino se masculina, utiliza-se o banheiro masculino.

SEMPRE SE POLICIE!

Errar faz parte dos processos de construção humana, mas é válido lembrar que uma pessoa trans pode não se sentir confortável em sempre corrigir seus erros, vale aí pesquisar quando houver dúvida.

UTILIZE OS PRONOMES CORRETOS!

Mulher trans e travesti são identidades FEMININAS! trate-as sempre no feminino. Assim como homens trans no masculino! Na dúvida, pergunte para a pessoa!

NÃO CONFUNDA!

Ser trans não significa que alguém é necessariamente homossexual.

Sexta página:

Vamos entender essas diferenças? ->

Sétima página:

Identidade de gênero: Consiste na forma que cada indivíduo se identifica, podendo ser tanto como homem e mulher, ou qualquer outra identidade que esta pessoa se identifique e se apresente.

Orientação Sexual: Atração afetiva e sexual de um indivíduo por outro. Quando duas pessoas do mesmo gênero sentem atração, são homossexuais. Já de gêneros opostos, são heterossexuais. Quando sentem por dois ou mais gêneros, são bissexuais ou pans- sexuais.

Sexo biológico: Genitália e condições cromossômicas do corpo de cada indivíduo. Existem pessoas do sexo masculino, feminino e intersexo. Pessoas intersexo possuem características mistas dos sexos. Vamos lembrar que o sexo biológico não deve ser determinante da identidade de gênero de uma pessoa.

Oitava página:

Pôster.

Nona página:

TRANSFOBIA É INADMISSÍVEL!

Trabalhar deve ser acolhedor para todos! Transfobia e assédio moral atribuídas a ofensas como trocar o pronome, questionar o genital ou a identidade de uma pessoa trans **É CRIME! Lei no 7.716/89**

CONHEÇA A TRANSEMPREGOS

Uma plataforma digital especializada em unir empresas transfriendly e colaboradores transgêneros através de um banco de currículos na internet. O site também disponibiliza de vários cursos profissionalizantes que irão valorizar ainda mais o poder do seu currículo. O cadastro tanto para pessoas trans quanto para empresas é **TOTALMENTE GRATUITO!**

www.transempregos.com.br

Décima página:

SE VOCÊ PRESENCIAR OU SOFRER ALGUM TIPO DE TRANSFOBIA, DENUNCIE!

DISK 100 (DIREITOS HUMANOS).

DANIEL VICENTE DA PAZ

DEIXA A GENTE TRABALHAR: *Folder* auxiliar sobre respeito e dignidade às identidades transgêneras no mercado de trabalho

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de DESIGN do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de relatório científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel/licenciado em Design.

Aprovado em: 28/10/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Rosangela Vieira de Souza (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª Maria de Fátima Waechter Finizola (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Carlos José das Chagas Moura (Examinador Externo)